

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 238

Data: 04.05.84

Pg.: _____



Moreira Mari

Depois de assinar o tratado em nome das lideranças do Xingu, o cacique Raoni recebeu um abraço de Andreazza

Assinado tratado de paz entre o governo e lideranças indígenas

MEMÉLIA MOREIRA

Repórter da Sucursal de Brasília

Ainda pintado de preto, cocar de penas verdes na cabeça e camisa, o cacique Raoni Metutire, chefe dos Txukarramãe, sub-grupo Kaiapó, assinou ontem, em nome das lideranças indígenas xinguanas, um tratado de paz com o governo brasileiro, representado pelo ministro do Interior, Mário Andreazza. Diz o documento que seu objetivo é "pôr termo a todas as pendências existentes".

No auditório do Ministério do Interior, onde foi assinado o acordo, as cadeiras foram ocupadas pelos grandes chefes Kaiapó, Kremoro, o mais velho, Krumari e ainda os caciques Melobó, dos Txikão, Sabino, Kuiuici, e Prepori, dos Kajabi, Tessea, dos Krena-Karore e outros líderes que apenas sorriam e balançavam a cabeça, dizendo: "tudo bem".

Andreazza disse que o acordo é "definitivo" e agradeceu o trabalho desenvolvido pelo líder Megaron que, durante os 42 dias de guerra, "conduziu bem a negociação, sempre preocupado em ser representante de seu povo, comunicando-se com seu tio (Raoni) para continuar as negociações".

Puxão de orelha

Os discursos feitos pelo cacique

Raoni e pelo deputado Mario Juruna foram significativos. Raoni lembrou a espoliação feita pelos portugueses "que chegaram aqui, roubaram nossas mulheres, nossas crianças e nossa terra" e, em seguida, virando-se para Andreazza, disse: "Ministro perguntou quem deu terra para nós. Ora, quem deu terra para nós foi nós mesmo, porque brigamos, fizemos guerra para ganhar terra. Foi índio".

Em seguida, falando no idioma Kaiapó, Raoni puxou as orelhas de Andreazza dizendo-lhe: "Se não fosse eu, guerreiro matava todos os reféns". Depois, em português, reclamou que "branco sempre acha que índio não sabe pensar, não sabe lembrar. Índio lembra, pensa. Lembra Bandeira de Mello (general Bandeira, ex-presidente da Funai, no governo Médici) que cortou nossa terra. Índio é gente grande e sei falar como gente grande".

Juruna, no seu discurso, dirigiu-se aos caciques chamando a cada um deles de "chefe de nação", termo que irrita profundamente o governo brasileiro, que não reconhece as tribos indígenas como nações. "Nos vencemos esta luta, índio do Xingu venceu", disse, enquanto Krumari colocava um cocar em Andreazza.

Acordo

Pelo acordo, além da faixa de 15

quilômetros de largura por 100 quilômetros de comprimento na margem direita do Xingu, os índios ganharam também 180 mil hectares de terra, correspondente à área do Capoto. Os 15 quilômetros de largura se estreitam para cinco quilômetros a partir da cachoeira Von Martius até à corredeira Travessão. Esse último pedaço foi reivindicado pelos índios na manhã de quarta-feira, quando liberaram os reféns.

Os líderes xinguanos se comprometem também a reabrir imediatamente o tráfego da BR-080 (Brasília-Manaus), fechado desde o dia 23 de março, mas a balsa será controlada pelos índios. Além disso, será desativada uma estrada que liga a fazendas Santa Rita, Boa Esperança e Guarujá, dentro do parque. A Sudeco construirá outra estrada para substituir esta.

Os fazendeiros que perderam suas terras na faixa de 15 quilômetros serão indenizados, mas a área do Capoto será desapropriada por interesse social, não cabendo indenização, como previsto no Estatuto da Terra e no artigo 198 da Constituição.

Amanhã os caciques retornam ao Xingu, levando ainda a promessa de que o parque receberá um reforço orçamentário de 30 milhões de cruzeiros, dinheiro gasto durante os 42 dias de guerra.